

Defesa tenta absolvição até o último momento

Do enviado especial a Xapuri

O promotor Eliseu Bushmeier de Oliveira, 39, abriu ontem às 9h07 (hora local) os trabalhos do quarto dia do julgamento dos acusados pela morte do sindicalista Chico Mendes. O promotor iniciou os debates entre acusação e defesa, que precedem a decisão dos jurados.

O promotor gastou cerca de 13 minutos com saudações ao juiz Adair José Longuini, aos assistentes da promotoria, advogados de defesa e jurados. O discurso de acusação ocupou toda a manhã. No ritual do júri, a acusação tem três horas para expor suas teses. Depois, a defesa tem outras três horas. A promotoria volta a falar por uma hora e a defesa encerra os debates com uma hora de locução. O promotor defendeu a condenação dos dois acusados por homicídio.

A defesa iniciou seus argumentos às 13h30. O primeiro a falar foi o advogado Rubens Lopes Torres. Num estilo barroco, atacou a principal testemunha de acusação, Genésio Ferreira da Silva, por ter deixado o Acre há mais de um ano, "fazendo treinamento para falar aquelas coisas", referindo-se ao depoimento que incriminou o réu Darly Alves da Silva. Torres disse ainda que, ao falar de Darly diante do júri, Genésio apenas repetiu narrativas que "ouviu dizer", nunca apresentando dados concretos. Torres atacou a imprensa brasileira, que, segundo ele, conta apenas o lado de Chico Mendes.

A seguir, falou outro advogado de defesa, João Lucena Leal. Citando Cristo, pediu que a defesa

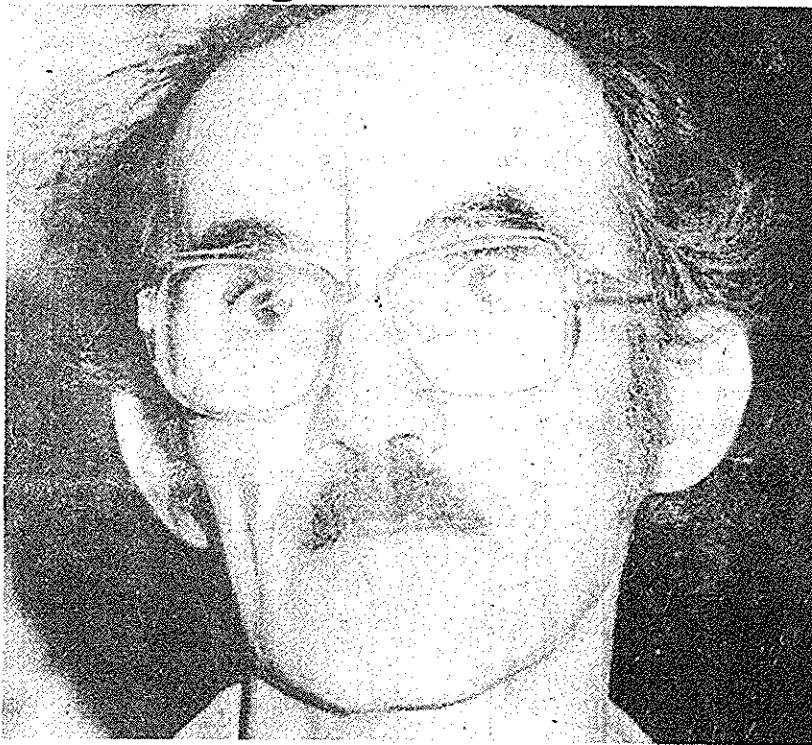
a primeira pedra aquele que não tivesse pecado. Leal também criticou a imprensa, mas desta vez a estrangeira, que estaria tentando influenciar o julgamento. O advogado seguiu a linha de tentar desacreditar Genésio e assinalou que, em seu depoimento, ele errou a data do crime.

O advogado de defesa Armando Reigota defendeu a absolvição dos dois réus. Alegou que Darcy cometeu seu crime por um "erro putativo", segundo suas palavras. Segundo essa tese, o réu foi levado a crer que, ao matar Chico Mendes, aliviaria o drama vivido por sua família. (Veja entrevista nesta página)

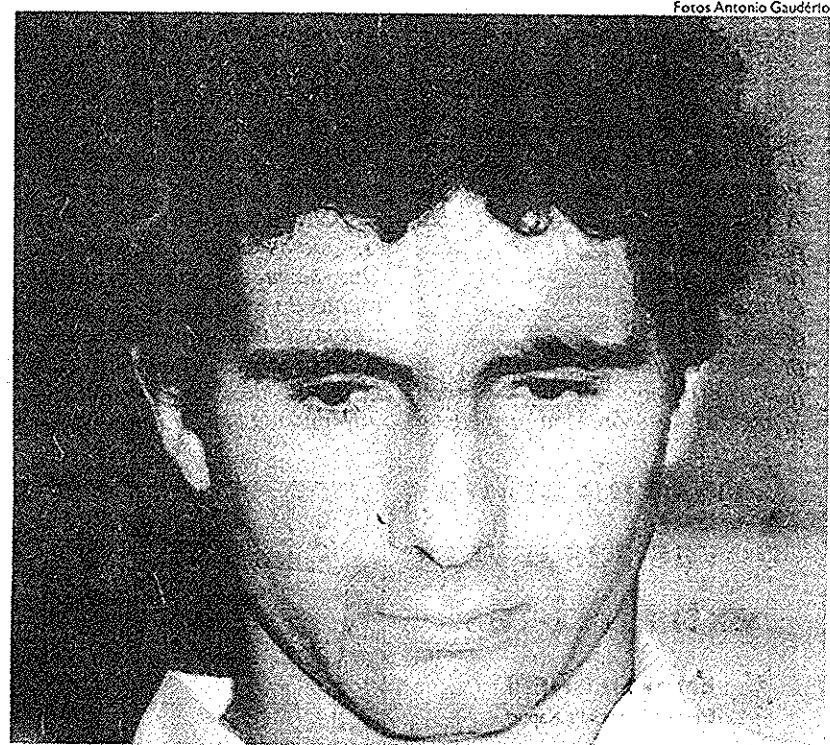
Ainda pela manhã, o promotor havia usado menos de uma hora de seu tempo, passando a palavra à assistente Sueli Belatto. Antes, afirmou que era fundamental que o júri condenasse os réus por unanimidade, "para que continuemos a acreditar na Justiça". Belatto fez uma locução política, atribuindo o crime ao "braço armado da UDR", num discurso de 20 minutos em que apelou aos jurados para "honrar o crucifixo" sobre a cadeira do juiz.

Às 10h12 o advogado Márcio Thomaz Bastos começou a falar saudando os demais personagens do julgamento. Aos advogados dos réus, disse que entendia as "dificuldades" que tinham em defendê-los em um processo com "provas tão fortes". Bastos disse que os réus se apresentavam com aparente humildade ante o júri: "Vendo-os aqui, eu mesmo penso que eles não parecem os truculentos cruéis que são na vida real." Ele comentou os direitos que os acusados têm de defesa e comparou com o líder seringueiro morto: "Chico Mendes não teve esses direitos de defesa. Foi morto a bala, de emboscada."

Depois das explanações da acusação e da defesa, num total de oito horas de debates, seriam formuladas as perguntas feitas aos jurados, nas quais eles expressam sua opinião pela absolvição ou condenação. Essa decisão estava prevista para as 21h de ontem (meia-noite em Brasília). Até o horário de fechamento desta edição não havia sido decidida a sentença.



Darly Alves da Silva, acusado de ser mandante do assassinato



Darcy Alves Pereira, filho de Darly, que confessou a autoria do tiro

PINGUE-PONGUE

'A punição de um inocente vai criar um bandido', diz advogado

LEÃO SERVA

Enviado especial a Xapuri

Antes de entrar na sala do júri de Xapuri, Acre, numa manhã de tempo nublado e umidade fria, o advogado de defesa Armando Reigota, 53, deu uma rápida entrevista à Folha em que insistia em defender a absolvição de seus dois clientes. Chegou a alertar, em tom de quem já contava com um revés para Darcy, que "a condenação de um inocente vai fabricar um bandido".

Folha — A impressão de várias personalidades presentes ao julgamento, como o presidente da OAB e o bispo do Acre, é de que, independente da sentença, este julgamento é importante por levar a júri acusados de assassinatos em conflitos agrários. O sr. acha que nesse sentido o julgamento é uma evolução?

Armando Reigota — No sentido sociológico, sim. No sentido jurídico, não. A todo instante o cidadão está praticando delitos.

Folha — Por que o sr. defende a absolvição dos dois réus se um deles confessou o crime?

Reigota — Realmente, eu tenho o dever imperativo de ser fiel à procuração que me foi outorgada. Isto é, de sustentar a inocência dos réus que estão sendo submetidos a julgamento plenário. De acordo com a evolução da prova dos autos e do que foi

também produzido na instrução plenária, eu estou convicto de que não tenho outro caminho para defender Darcy do que sustentar a tese do "erro putativo", motivado por inexigibilidade de uma outra conduta. Houve um erro de fato, em que o Darcy supôs uma situação diante da qual ele não teria uma outra alternativa senão tomar aquela atitude. Motivado pela situação que não foi explorada pelos ecológicos.

O pai dele comprou uma propriedade, teve que bater às portas do Poder Judiciário. Conseguiu numa ação de reintegração de posse um mandado liminar para evacuar a área. Foi requisitada a força policial. Chega no local, a polícia se diz fraca para cumprir a ordem. Consulta-se o advogado, vão ao Incra e ele promete expropriar e indenizar a área. Mas enquanto isso ele não deixa a área, porque se ele deixar, quando ele tiver que receber a indenização, ele não terá nada mais a ver. A ocupação da terra era importante para que ele pudesse avaliar e valorar seu patrimônio. Nesse interregno descobre-se que ele tinha um mandado de prisão num crime que corre no Paraná, em que ele é um co-autor. O crime está quase prescrito porque ocorreu há quase 19 anos. Aí então é que surge o drama desse menino. Ele tem uma compreensão errônea... porque afinal de contas o sindicato representava para ele um perigo para a família Alves. Esse aspecto, a imprensa ainda não explorou.

Folha — A defesa pediu desa-

foramento (mudança do julgamento para outra comarca).

Reigota — Eu não detectei a necessidade de desaforamento. Um dos meus companheiros que atua na defesa por conta própria requereu desaforamento e o Tribunal de Justiça do Acre indeferiu o pedido. Por iniciativa minha, quando entrei na causa, há cerca de 50 dias, orientei a eles que não recorressem.

Com relação a Darly, nós defendemos a tese da negativa de autoria. Com relação ao menino Darcy, entendo ainda que houve uma injusta provocação por parte do sindicalista Chico. Os Alves têm muita influência porque representam o lado oposto de uma fisiologia político-partidária.

Folha — Essa fisiologia seria a política da esquerda local?

Reigota — Mais ou menos sim.

Folha — Mas esses agrupamentos estão muito divididos, um brigando com o outro. A única tese que os une é a da condenação dos réus.

Reigota — É, tornou-se um modismo. Xapuri deve um grande preito à mídia, à imprensa.

Folha — O sr. entende que houve uma desinformação dos jurados pela mídia?

Reigota — Não. Prefiro o raciocínio ético-jurídico. A minha preocupação é a seguinte: a punição de um inocente vai fabricar um bandido.

Líder seringueiro articulou aliança com movimento ecológico mundial

RICARDO ARNT

Da Reportagem Local

Chico Mendes foi alfabetizado aos 18 anos por um tenente comunista foragido da Intentona de 1935. Nasceu e morreu em Xapuri. Andou próximo do Partido Revolucionário Comunista (PRC), mas nunca foi militante organizado. Era sindicalista.

Foi no vale do rio Acre, nos seringais abandonados e vendidos, que os seringueiros "libertos" passaram a comercializar livremente seus produtos, recusando-se a abandonar a floresta. Em 1975, surgiu o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasília e, em 1977, o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri. O foco da militância sindical, no Acre ocidental, corresponde à área mais afetada pela conversão de seringais à pecuária. No Acre oriental, perduram, até hoje, relações feudais de produção.

No vale do Acre surgiram os "empates", ações coletivas, na estação da seca, com as quais os seringueiros e suas famílias tentam, pacificamente, impedir as queimadas e o desmatamento. Segundo Chico, os empates evitaram a devastação de 1,2 milhões de hectares de floresta entre 1975 e 1985. Mas, no Acre, a não-violência nem sempre funciona.

Mendes elegeu-se vereador pelo PMDB de Xapuri, em 1976. Em 1980, assumiu a presidência do Sindicato de Xapuri. Candidatou-se, sem sucesso, a deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores, em 1982. Em 1985, foi um dos fundadores do Conselho Nacional dos Seringueiros.

No Conselho, defendeu a proposta da criação das Reservas Extrativistas, unidades de conservação e produção voltadas para a exploração dos recursos naturais. As reservas legalizam o uso comunitário da floresta. Não podem ser implantadas com base na divisão arbitrária de lotes individuais e na propriedade privada porque a distribuição de seringueiras, castanheiras, sorgo, balata, guaraná, piaçaba etc, não obedece à régua e ao compasso.

As reservas extrativistas são a reforma agrária dos seringueiros. Em 1987, o Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário (Mirad) reconheceu o conceito criando o Projeto de Assentamento Extrativista.

O governo brasileiro assinou, em 1985, contrato com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para pavimentar os 502 km da BR-364 entre Porto Velho e Rio Branco. A estrada consolidaria a primeira ligação



A viúva Ilzamar chora durante ato em memória de Chico Mendes

estável do Acre com o resto do país, mas estenderia ao Estado o processo de colonização desordenada e a devastação ambiental que ceifou 23% das florestas de Rondônia em sete anos.

O interesse pela preservação induziu à aproximação dos seringueiros com indigenistas. Em maio de 1985, a antropóloga Mary Allegretti, pesquisadora do movimento desde 1978, conheceu, em Washington, através de Tony Gross, então diretor da Oxford Foundation no Brasil, o antropólogo Stephen Schwartzman, da associação ambientalista Environmental Defence Fund. Schwartzman fizera tese sobre índios no Xingu. Desde 1983, ambientalistas americanos desenvolviam campanha contra os impactos ambientais dos projetos financiados em bancas como Bid e o Banco Mundial.

Articulado com antropólogos, indigenistas e ambientalistas, Chico entrou no circuito internacional com desenvoltura. Perdeu, novamente, a eleição para deputado estadual em 1986 (teve 837 votos), mas descobriu no

apoio internacional um instrumento eficaz de intervenção no Acre. Em março de 1987, convidado pelos ambientalistas americanos, foi à reunião do BID, em Miami, denunciar o atraso do Programa de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas (Pmaci), destinado a amenizar os impactos da BR-364. Em abril, o banco suspendeu os desembolsos para a obra.

O ambientalismo resgatou e projetou Chico. Em junho de 1987, por indicação do cineasta inglês Adrian Cowell, ganhou o Prêmio Global 500 do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas, que o colocou no mapa das lideranças sindicais e ecológicas no Brasil. Chico animou ativamente a aliança de movimentos sociais no Brasil e entidades ambientalistas internacionais, que induziu o governo brasileiro a levar a questão ambiental a sério. A aliança só não conseguiu garantir-lhe a vida.

Influência de Mendes mudou a geografia ambiental da Amazônia

Da Reportagem Local

Uma tentativa de desenvolvimento racional em uma área do tamanho da Alemanha Ocidental, 252 mil km² em Rondônia, Amazonas e Acre, cenário do Programa de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas (Pmaci), pode ser creditada à folha de serviços de Chico Mendes na Amazônia.

O mapa do Acre mostra a influência das ideias que Chico defendia. Há nove reservas extrativistas no Estado, posteriores a 1987. A maior, a Reserva Extrativista Chico Mendes, tem 970 mil hectares e abriga 3 mil famílias de seringueiros.

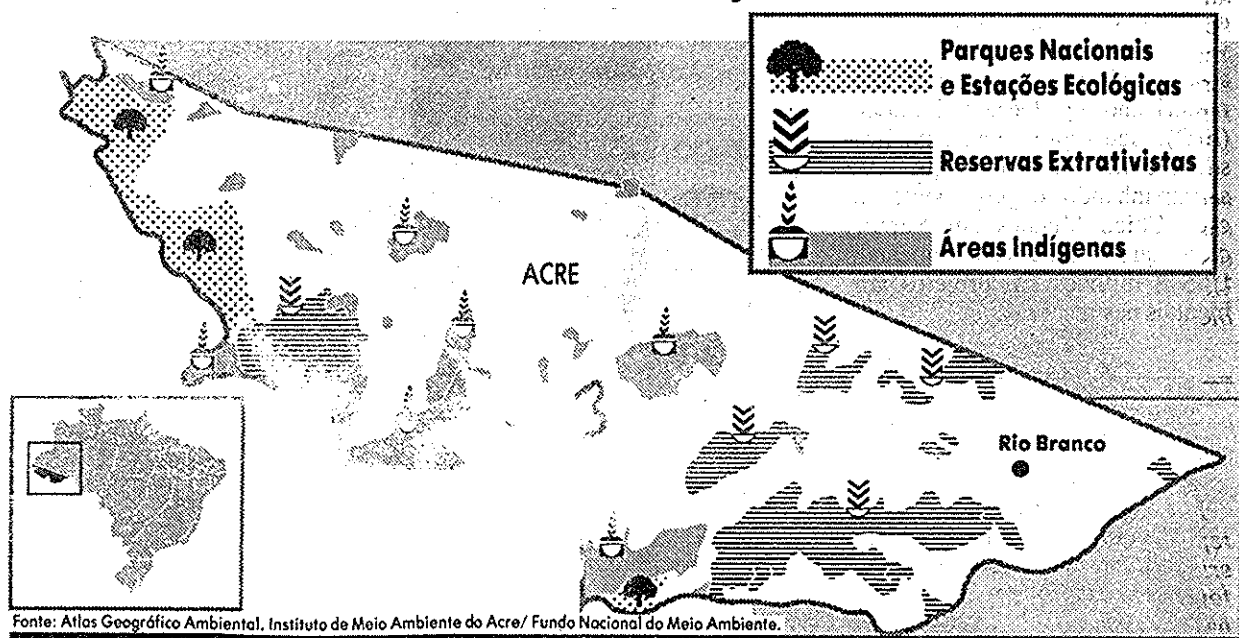
Por causa da reserva Cachoeira, de 24.098 hectares, Chico foi assassinado. Os seringueiros impediram que Darly Alves de Souza desmatasse uma posse no então Seringal Cachoeira. Conseguiram que o Incra desapropriasse a área, em janeiro de 1987.

Além das reservas do Acre, estão em processo de demarcação quatro no Amapá, duas no Amazonas e uma em Rondônia. Diversas áreas indígenas também foram demarcadas a partir de 1987, o ano em que o Banco Interamericano de Desenvolvimento suspendeu o financiamento para a pavimentação da BR-364 até Rio Branco por causa das questões ambientais.

Em 1987, consolidaram-se o Instituto de Meio Ambiente do Acre (Imac) e a Fundação de Tecnologia do Acre (Funtac).

Por causa das pressões ambientalistas, que Chico ajudava a articular, a reforma ambiental do Programa Polonoroeste começou a ser elaborada em 1986 no Planaflo. O Banco Mundial destinou US\$ 220 milhões para o plano, mas suspendeu o financiamento, em julho desse ano, depois que sindicatos e entidades ambientalistas e indigenistas criticaram a versão apresentada. Exatamente como Chico Mendes fez com o Pmaci, no Acre.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO ACRE



Fonte: Atlas Geográfico Ambiental, Instituto de Meio Ambiente do Acre/ Fundo Nacional do Meio Ambiente.

Caso impressiona mais por ser crime comum

LUÍS FRANCISCO CARVALHO Fº
Enviado especial a Xapuri

O julgamento de Darcy Alves Pereira e Darly Alves da Silva pelo assassinato do seringueiro Chico Mendes deixa uma expressão simbólica. O Estado impôs a sua força num pedaço



CHICO MENDES

conflagrado e selvagem do Brasil. Em Xapuri, com muito mais intensidade do que em lugares mais próximos, as coisas se resolvem à bala. O poder público não existe.

Muita coisa pode ser dita a respeito do julgamento de Xapuri. Que as cartas foram marcadas. Que seria adequado o desaforamento do caso, para que o júri se formasse num ambiente mais imparcial, menos maniqueísta. Que a partir de hoje o quadro de impunidade se normaliza nesse

fim de mundo. Mas a Justiça veio à selva e fez prevelecer o ritual de condenação.

O assassinato de Chico Mendes foi transformado num crime político. A imagem do seringueiro é disputada pela CUT, pela Igreja, pelo PT, por Hollywood, pelo BID, pelo governo Collor, pelos vendedores de camiseta, pelas emissoras de TV. Foi uma pessoa que depois da morte se revelou admirável para o Brasil: visionário, articulado, curioso, cativan-

te, irredutível. Ofendê-lo é quase um sacrilégio.

Não é o caso de minimizar o episódio, mas é como crime comum que a morte de Chico Mendes, mais impressiona. O tiro desferido por Darcy não apontava premeditadamente contra toda essa nobreza de caráter. Apesar da dramaticidade dos conflitos fundiários no país, o crime não parece planejado por uma conspiração de proprietários em perigo.

Os Alves resolveram suas dife-

renças com o líder seringueiro da forma como resolviam todas as pendências de suas vidas. Além das disputas pelos seringais, há uma terra sem lei, sem xerife, com limites mal postos, sem espaço. Durante quatro dias de julgamento, o que se viu em Xapuri foi um mundo de emboscadas. Uma região em que, quando muito, os assassinos mudam de povoado e de identidade. A frieza com que o garoto Genésio Ferreira da Silva descreveu ao

Júri o rosário de crimes da fazenda Paraná impressiona tanto quanto as atrocidades que relata.

Azar de Darly, Darcy, Olocy. Vivem num lugar onde os matadores só prestam conta aos seus rivais. O que fez desabar a vida da família Alves diante do país foi um tiro mal disparado, contra uma vítima ilustre e engajada. O resto fazia parte do jogo.

LUÍS FRANCISCO DA SILVA CARVALHO FILHO, 33, é articulista jurídico da Folha e sócio do escritório Dias, Penteado de Moraes e Carvalho Filho - advogados

Governo apóia novas reservas extrativistas

EMANUEL NERI
Enviado especial a Xapuri

Principal bandeira dos seringueiros do Acre, as reservas extrativistas estão sendo encampadas pelo governo federal. As reivindicações por esse tipo de exploração dos recursos naturais da terra estão se espalhando por toda a Amazônia. Na região, já existem 14 reservas extrativistas. A maior delas é a "Chico Mendes", criada pelo Ibama em março deste ano.

A reserva "Chico Mendes" tem 970.570 hectares e se estende pelos municípios de Xapuri, Rio Branco, Assis Brasil, Brasília e Sena Madureira. Mais de 2.500 famílias exploram os seringais existentes na área. A reserva "Cachoeira", em Xapuri, fôdo dos primeiros atritos entre Chico Mendes e a família Alves da Silva e que resultaram no assassinato do líder sindical, tem 40 mil hectares. Aproximadamente 150 famílias exploram seus recursos.

Apesar de as reservas extrativistas estarem intimamente ligadas às bandeiras políticas e ecológicas de Chico Mendes, a idéia não é dele. Quem primeiro usou esse termo foi o seringueiro Wilson Pinheiro, assassinado em 1980, quando presidia o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília. Chico Mendes apenas deu continuidade à idéia das reservas.

A reserva extrativista é basicamente o reconhecimento legal de direito de exploração da terra pelas pessoas que nela trabalham. Para que isso ocorra, o governo desapropria a terra, que passa a pertencer ao Estado. Os trabalhadores têm direito de explorá-la.

"Nossos antecedentes chegaram nessas terras há mais de 100 anos. Eles desbravaram florestas e sempre exploraram os seringais. Os que se dizem donos das terras estão aqui há menos de 20 anos", disse Raimundo Mendes de Barros, 45, do Conselho Nacional de Seringueiros. A diferença, segundo ele, é que os seringueiros não têm documentos da terra. A exploração nas reservas tem o controle dos sindicatos. Cada seringueiro tem direito de explorar até três carreiras de seringa (entre 500 a 600 pés) que produzem 500 quilos de borracha por ano.

As reservas extrativistas têm cooperativas para comercializarem a borracha e venderem gêneros alimentícios aos seringueiros. Em Xapuri, por exemplo, existe a Cooperativa Agro-Extrativista, ligada às reservas da região. Ela compra o quilo da borracha na cidade por Cr\$ 95 —nos seringais, o produto é entregue a Cr\$ 85. A cooperativa evita que os seringueiros comercializem seu produto com atravessadores, que pagam atualmente Cr\$ 65,00 o quilo. O plano é dotar as reservas de serviços de saúde e educação.

Outro objetivo das reservas é a preservação total da floresta. A seringueira e outros recursos naturais da área, como a castanha-do-Pará, são explorados sem provocar danos à natureza. Isso atraiu a simpatia do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Seu representante no Brasil, David Atkinsons, que está acompanhando o julgamento do caso Chico Mendes em Xapuri, disse que o BID está aplicando US\$ 8 milhões em projetos ambientais nas reservas.